



**Jornal Arte&Educação**  
**Dossiê - 50 anos**

**<sup>1</sup> Luiz Carlos Pinheiro Ferreira** Doutor em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Mestre em Educação pelo PPGE da UFF/Niterói/RJ e Licenciado em Educação Artística com Habilitação em História da Arte [UERJ]. Professor Adjunto do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV/UnB

**E-mail:**  
**luizcpferreira@gmail.com**  
**pinferreira@unb.br**

**<sup>2</sup> Gustavo Chaves Machado** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, na Linha de Pesquisa: Educação em Artes Visuais, sob orientação do Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira. Especialista em História Cultural [FH/UFG], Graduado em Licenciatura em Artes Visuais [FAV/UFG] e Bacharel em Publicidade e Propaganda [UniAraguaia]. Bolsista CAPES.

**E-mail:**  
**gustavo.labirinto@gmail.com**

## ENTREVISTA: PROFESSOR JADER DE MEDEIROS BRITTO

*INTERVIEW:  
PROFESSOR JADER DE MEDEIROS BRITTO*

<sup>1</sup> Luiz Carlos Pinheiro Ferreira & <sup>2</sup> Gustavo Chaves Machado

### Apresentação

Entrevista realizada com o Professor Jader de Medeiros Britto para a Revista VIS, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília. Professor, pesquisador, editor e arte-educador, Jader de Medeiros Britto cursou o Bacharelado e a Licenciatura em Filosofia, pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje UFRJ. De 1959 a 1976 foi editor da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP), publicada pelo INEP/MEC. Nos anos de 1963 a 1969, ensinou Português e dirigiu à noite o Ginásio Comercial Papa João XXIII, fundado por Dom Helder Câmara, para o operariado carioca. Integrou a equipe de Assistência Técnica do Programa de Estímulos à Pesquisa Educacional do INEP e, posteriormente, com especialização em Metodologia da Pesquisa em Educação, dirigiu a Seção de Produção de Pesquisa desse órgão, a partir de sua transferência para Brasília em 1977, onde permaneceu até 1984 ao concluir seu tempo de serviço.

Foi o primeiro secretário e cofundador da Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte (Sobreart). Também dirigiu o Departamento de Comunicação da Escolinha de Arte do Brasil, sendo o primeiro editor do *Jornal Arte&Educação*. Antes colaborou com a Escolinha redigindo a apresentação das exposições de desenhos e pinturas das crianças sobre os temas “*Centenário de Mahatma Gandhi*” e “*A Chegada do Homem à Lua*”.

Após cumprir seu tempo de serviço em Brasília, retornou ao Rio de Janeiro em 1984 e, com a Prof<sup>a</sup> Zoé Noronha Chagas Freitas, presidente do XXV Congresso Mundial da Educação Através da Arte promovido pela Insea/Unesco no Rio de Janeiro, foi responsável por sua coordenação, programando as conferências no período da manhã e a organização das 13 oficinas nos diversos campos da educação através da arte, no período da tarde.

### Referência:

BRITTO, Jader de Medeiros. Jader de Medeiros Britto: entrevista [jan. 2021]. Entrevistadores: L. C. Pinheiro Ferreira e G. Chaves Machado. Brasília: PPG-AV/UnB. 2021. 1 arquivo .mp3 (4h). Entrevista concedida para a Revista VIS.

ouco depois, aceitou convite da Profª Maria de Lourdes Fávero, diretora do Programa de Estudos e Documentação, Educação e Sociedade (PROEDES), órgão instituído por ela, vinculado à Faculdade de Educação da UFRJ. Em parceria com a Profª Maria de Lourdes, coordenou a organização do volume Educação e Universidade, que integra as obras completas de Anísio Teixeira, como também da coletânea de ensaios do Prof. Durmeval Trigueiro Mendes sobre Filosofia, Política e Planejamento da Educação, bem como do *Dicionário de Educadores no Brasil (já falecidos)* – da Colônia aos dias atuais, [publicado pela Editora da UFRJ em 1999, 1ª edição e em 2002, a 2ª edição]. Nesse Programa, participou de projetos de pesquisa sobre a Universidade do Brasil, o Instituto de Estudos Superiores Avançados em Educação (IESAE), Mestrado de Educação da Fundação Getúlio Vargas, e o da Universidade do Distrito Federal criada por Anísio Teixeira em 1935, então Secretário de Educação do DF, e extinta pelo Governo Vargas. No Proedes, organizou o quinto volume das *“Memórias de Paschoal Lemme: estudos de educação”*.

Em 1998, recebeu a Medalha Comemorativa Augusto Rodrigues no aniversário de cinquenta anos da Escolinha de Arte do Brasil, como uma das personalidades homenageadas por sua contribuição para a práxis da educação através da arte no Brasil, iniciativa patrocinada pela Lei de Incentivo à Cultura [1].

## **Contexto da entrevista**

A entrevista com o Professor Jader de Medeiros Britto ocorreu em sua residência, numa dessas tardes quentes do verão carioca. Fui recebido pelo Professor Jader ao sair do elevador com distinta cortesia. Logo, fui convidado a entrar em seu apartamento e nos acomodamos em uma mesa disposta no centro da sala. Observei nesse momento, que se tratava de uma pessoa sensível, com gosto e apreço pela arte e pela cultura. Esta observação foi possível mediante a percepção dos objetos e das obras que decoram sua residência. Iniciamos uma conversa informal que consistiu de apresentações breves e alguns diálogos entrecortados por lembranças acerca da sua experiência pessoal e profissional. Após esta breve interlocução para nos conhecermos e compreendermos o interesse e a necessidade do encontro presencial, passamos a organizar os protocolos para a entrevista. Além do roteiro previamente organizado, foi solicitado ao Professor Jader que assinasse, por livre e espontânea vontade, um documento de consentimento da entrevista, em particular, das imagens e do áudio que seriam captadas. Findados os procedimentos protocolares, passamos a conversar sobre alguns livros que estavam dispostos sobre a mesa, onde havia uma fotografia que, segundo o Professor Jader, deveria fazer parte do contexto da entrevista, pois documentava a visita que fizera a Augusto Rodrigues em sua casa no distrito de Penedo/Itatiaia, na qual mantinha seu ateliê e seu inestimável acervo de arte brasileira.

[1] Parte das informações sobre a trajetória do Professor Jader de Medeiros Britto foram acessadas no tópico “sobre os organizadores” na publicação: BRITTO, Jader de Medeiros; PALMA, Alexandre (orgs.). ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL: legado e memória. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2019, p. 155-156.



**Figura 1:** Fotografia da visita de Jader a Augusto Rodrigues em sua casa no distrito de Penedo, antiga colônia filandesa no Estado do Rio de Janeiro, anos 90 do século passado.

**Fonte:** Acervo particular do Professor Jader de Medeiros Britto

Por fim, acordamos acerca do roteiro da entrevista, que teve por finalidade tratar de questões formativas, relacionadas com o contexto da sua trajetória de vida profissional, sobretudo, em relação à sua experiência como Editor da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP), como também, considerar seu trabalho com as edições do *Jornal Arte&Educação*. Segundo as informações prestadas, sua experiência profissional desenvolveu-se no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, extensão do INEP no Rio de Janeiro, criado na gestão de Anísio Teixeira, em 1958, então diretor do órgão, quando trouxe o antropólogo Darcy Ribeiro para assumir a Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais.

O Professor Jader trabalhou em Brasília a partir de 1977, atuando no INEP na área de pesquisa educacional até 1982, quando foi convidado para servir na Secretaria de Planejamento do MEC.

Em fases intermitentes, o Professor Jader foi responsável pelo *Jornal Arte&Educação* da Escolinha de Arte do Brasil, de valor inestimável para o contexto histórico e social da educação brasileira, com o propósito de integrar a arte nas bases da formação das novas gerações, como prescreve Platão no livro sétimo de *A República*, publicado em tempos pós-socráticos na antiga Grécia.

### **Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:**

Além das informações que o senhor enviou por e-mail e outras questões apresentadas, seria possível comentar sobre o seu processo de formação, compreendendo aspectos da sua escolarização?

### **Professor Jader de Medeiros Britto:**

A escola pública está na base de minha formação. Embora tenha sido alfabetizado em escola particular, dirigida por Dona Hercília, que usava a cartilha do ABC – de modo que em seis meses pude ler meu primeiro livro *O Ensino Rápido* – logo, entrei no Grupo Escolar Antônio de Azevedo, da rede pública do Estado em Jardim do Seridó, minha terra natal, no sertão do Rio Grande do Norte. No grupo escolar, chamou-me a atenção a iniciativa da professora Marcelina Santos, formada pela Escola Normal de Natal, que promovia atividades extraclasse como os passeios escolares a locais marcantes na vida da cidade, como *A Pedra Lavrada*, falésia no rio Seridó, com pinturas, desenhos e inscrições rupestres de índios potiguaras, em tempos pré-colombianos, além do teatro e do canto dos hinos nacionais como recursos pedagógicos. A cada período letivo encenava uma peça teatral. Fui então, escalado para encenar o sétimo anão de *Branca de Neve*. No grupo escolar, tiravam o tabique que separava as salas de aula, dando espaço para um auditório destinado às apresentações.

Do primeiro ano atrasado à 5ª série obtive bom rendimento escolar, destacando-me nas redações, o que atribuo ao hábito da leitura, especialmente da revista *O Cruzeiro*, publicada pelos Diários Associados, divulgando regularmente a crônica leve, bem escrita, de Raquel de Queiroz. No começo dos anos 1940, um padre jovem, Eymard Monteiro, assumiu a Paróquia de Jardim do Seridó, e iniciando seu trabalho, criou a Cruzada Eucarística que reunia cerca de 40 crianças. Uma das primeiras ações foi nos familiarizar com a obra de Monteiro Lobato, especialmente os livros da série do *Pica Pau Amarelo*. Li então *As Caçadas de Pedrinho* e *A Viagem ao Céu*. Pouco depois organizou o Coral da Cruzada, iniciando-nos no Canto Gregoriano. Chegamos a cantar a missa *De Angelis* na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Tempos depois, aqui no Rio, frequentando a Escolinha de Arte do Brasil, tomei consciência da importância da presença da arte no processo educativo, pela experiência vivida em nosso grupo escolar do sertão nordestino. Cabe recordar que, em 1928, o governador José Augusto Bezerra de Medeiros, havendo integrado no Rio o quadro de educadores da Associação Brasileira de Educação – da qual chegou a ser presidente – eleito governador do Estado, uma de suas plataformas políticas foi a criação de grupos escolares nas diversas cidades do Rio Grande do Norte. E naquele prédio de arquitetura clássica, fui apresentado ao teatro com as crianças. Programava-se no final do ano letivo uma exposição de desenhos, pinturas e de trabalhos manuais realizados pelos alunos.

Concluído o primário, fui cursar o ginásio em estabelecimento da Diocese de Caicó, fundado pelo Bispo Dom José Delgado em 1943, considerando que não havia nos municípios da Diocese um colégio para que os jovens pudessem continuar os estudos após o primário. Para tanto, obtive apoio financeiro de industriais, agricultores, comerciantes. Na falta de uma Faculdade de Filosofia no Estado que formasse professores para esse grau de ensino, o quadro docente foi estruturado com profissionais de nível superior da cidade – o juiz, o promotor, o dentista, o farmacêutico, os padres, além de especialista renomado da marcenaria e do mestre da Banda de Música, independente de posicionamentos ideológicos, políticos ou religiosos. Nesse Ginásio Diocesano Seridoense, estudei até a 3ª série, com excelentes professores de Português, Latim e Canto Orfeônico, para destacar alguns, havendo integrado a *Schola Cantorum* que se apresentava nos eventos religiosos da cidade. Concluí o ginásio em Natal, no velho Ateneu da rede estadual. Lá fiz o científico, trabalhando a noite como revisor do jornal “*A República*”, familiarizando-me com os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Antes da impressão de cada número, o redator-chefe recomendava que procurássemos o autor para sanar alguma dúvida. Tive então o privilégio de revisar a “*Acta Diurna*” do antropólogo Luiz da Câmara Cascudo, que residia ao lado do jornal, a quem passei a consultar regularmente. Naquela ocasião, o etnógrafo Cascudinho, como era chamado pelo povo em Natal, preparava seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* e, ao mesmo tempo, entrevistava jangadeiros em sua casa de verão na Praia de Areia Preta, a fim de colher, na fonte, informações de profissionais para a construção do ensaio etnográfico *A Jangada*.

Naquele momento, o Bispo Dom José Delgado e o diretor Mons. Walfredo Gurgel, pragmaticamente, seguiram o bom senso e o critério adotado foi o do nível cultural, da competência dos profissionais com formação superior ou especialistas renomados para comporem o quadro pedagógico. Não havendo escola superior para formação de professores no Estado, como assinalamos, a solução foi apostar na prata de casa, sem discriminações.

Afinal, concluo o Ginásio no Ateneu, colégio estadual, onde realizei o ciclo médio, optando pelo científico. E a disciplina nova, Filosofia, me seduziu graças à reflexão ágil de uma excelente professora de Filosofia com formação acadêmica no Rio de Janeiro. A Profª Bertha Guilherme nos motivou para o embate filosófico em torno do conhecimento da realidade, o amor ao saber, a partir das questões existenciais que mobilizam o homem e a sociedade, acrescidas de colocações pertinentes à Filosofia da Natureza e da Arte.

Dado meu interesse pela música, especialmente a clássica, inscrevi-me no Instituto de Música de Natal, estudando violino durante dois anos.

Em 1950, concluí o segundo grau no Ateneu. Acompanhando familiares com problemas de saúde, fazendo as vezes de enfermeiro, fiquei inclinado a estudar Medicina. Vim para o Rio de Janeiro tentar o vestibular, não sendo classificado. Comecei a frequentar um cursinho pré-vestibular para a área médica.

Posteriormente, consegui com ajuda do meu irmão, Manoel de Britto, a carteirinha de acesso ao restaurante dos estudantes, próximo à Faculdade Nacional de Filosofia, sendo alertado pelo anúncio de um cursinho para o vestibular de Filosofia. Entrei na Faculdade e assisti aula sobre Tales de Mileto, iniciando a “Fisis” dos pré-socráticos. Naquele momento, senti-me em casa. E decidi frequentar o curso até a realização dos exames, sendo classificado em 4º lugar. Desde então, dediquei-me às aulas das disciplinas dos cursos de bacharelado e licenciatura, ao mesmo tempo em que trabalhava no INEP como revisor da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, tarefa para a qual fiz um estágio de seis meses na Imprensa Nacional. Com formação na ação, aprendi a preparar originais que seriam encaminhados à gráfica, comecei a redigir notícias, notas informativas até assumir a editoria, de 1959 a 1976. Nesses 17 anos, tivemos a assessoria de um conselho editorial – até então inexistente – que debatia a programação de cada número e avaliação após a impressão. Com edição trimestral, propus ao conselho a adoção de números temáticos, de modo a refletir e apontar caminhos sobre questões emergentes como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as reformas do ensino de 1º e 2º graus, a reforma do ensino superior e temas relevantes como a Educação Pré-Escolar, a Filosofia da Educação, o Planejamento e a Economia da Educação, a Educação através da Arte, e outros atendendo a solicitações requeridas pelo momento social. Para tanto, convidamos educadores de renome nas diversas especializações, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Jayme Abreu, Helena Antipoff, Almeida Júnior, Durmeval Trigueiro, Newton Sucupira, Valnir Chagas, Heloisa Marinho, Aparecida Joly Gouveia, Lúcia Marques Pinheiro, Cláudio Moura Castro, Dermeval Saviani e outros mais que foram se revelando com os cursos de Pós-graduação, instituídos com a Reforma do Ensino Superior de 1968.

Ao longo desse período, foram realizadas duas reformas no projeto gráfico da Revista. A primeira pelo designer Rogério Duarte, que havia criticado a feição tradicional do periódico, ressaltando sua desatualização. A segunda, a cargo do designer Aluísio Magalhães, a quem solicitamos uma logomarca para as publicações do INEP e um novo visual para a Revista. Com a equipe de seu escritório, Aluísio celebrou um contato com o Diretor do INEP, Coronel Ayrton de Carvalho Mattos, um diretor progressista. Inaugurando o novo design, programamos o n. 130 da Revista, centrado na presença da arte na educação, aberto com entrevista do designer Aluísio Magalhães, em que situa sua percepção de artista e educador.

### **Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:**

Como o senhor analisa essas experiências com as artes cênicas e a filosofia em sua trajetória formativa? É algo que o fisgou em algum momento da sua história de vida?

### **Professor Jader de Medeiros Britto:**

Com relação às artes cênicas, além da experiência estimulante no grupo escolar, o contato com a Literatura de Cordel, a partir da leitura de Romeu e Julieta em versos de feira me alertou para a importância cultural do teatro. No Rio, comecei a frequentar o Tablado fundado por Maria Clara Machado, que encenou “Sonho de uma Noite de Verão”. Fui convidado por ela para fazer o curso de teatro que realizava durante as férias. Daí em diante, não perdia as encenações de Shakespeare, Sófocles, Brecht, Ionesco, Nelson Rodrigues, Lorca, acompanhando a temporada teatral da cidade. Essas vivências marcaram minha percepção da harmonia e da beleza que a comunhão da arte nos traz.

Quanto à Filosofia, foi um encontro essencial. Em algum momento da vida o sujeito se indaga: qual o sentido da vida, qual seu papel; vai em busca de uma ideia, por vezes uma utopia. O diretor do INEP, Anísio Teixeira, com quem trabalhei um bom tempo, era nosso principal filósofo da educação e ao revisar seus textos fui me conscientizando da realidade brasileira e de suas propostas de formação das novas gerações, defendendo a ideia de uma educação para todos, um caminho para a justiça social num país estratificado como o nosso.

Enquanto isso, me deparava na Faculdade com a busca da *Fisis* grega: um princípio que desse suporte no contato com o real. Para Tales de Mileto era a água o primeiro princípio. Os pré-socráticos abrem a trilha até que conheci o *Logos* de Heráclito. Para ele, o Fogo era o primeiro princípio de todas as coisas. O princípio da transformação. Tudo está em vir-a-ser. “Ninguém se banha duas vezes nas águas de um rio: da próxima vez as águas serão outras e eu serei outro”. Um pensador dialético que contrastava com Parmênides que defendia em seu poema: “O ser é, o não-ser não é.

Destaco no Bacharelado o conhecimento da Filosofia grega do Prof. Vieira Pinto que defendera tese de Doutorado sobre Platão e o Prof. Maurílio Penido, com Doutorado sobre o princípio da analogia na existência de Deus, nosso Mestre de Metafísica. Na Licenciatura, recebemos a orientação competente em Psicologia Educacional do Prof. Lourenço Filho e em Filosofia da Educação do excelente Mestre Raul Bittencourt.

Mas ao longo do curso, o principal confronto que nos mobilizou foi o do idealismo x realismo. De um lado, as ideias de Platão, (segundo ele o real é projeção delas), Descartes, Kant e os idealistas alemães; de outro, Aristóteles, Tomás de Aquino, os empiristas ingleses, para os quais “nada está na inteligência que não tenha passado antes pelos sentidos”. Enfim, duas propostas no empenho de tentar construir o conhecimento da realidade. E o debate segue...

Durante todo o curso de Filosofia e mesmo depois, frequentamos assiduamente os Concertos da Juventude, promovidos pelo Maestro Eleazar de Carvalho no Teatro Municipal, regendo o Orquestra Sinfônica Brasileira, abrindo-nos caminho para a cultura musical. A cada ano apresentava obras importantes de notáveis compositores como Vila-Lobos com as Bachianas; Beethoven, as sinfonias; Vivaldi, as Quatro Estações; Tchaikovsky, os concertos para piano/violino e orquestra; Stravinsky, a Sagração da Primavera e tantos outros do repertório universal.

**Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:**

Posteriormente a essa formação na filosofia, o senhor fez alguma outra formação institucional?

**Professor Jader de Medeiros Britto:**

Após a criação do Mestrado de Educação da Fundação Getúlio Vargas – o IESAE (Instituto de Estudos Superiores Avançados em Educação), com base em proposta de Anísio Teixeira, fiz o curso de Psicanálise e Educação, ministrado pelo psicanalista Carlos Paes de Barros, valendo como crédito para o mestrado. Nessa fase, aceitei convite do Prof. Durmeval Trigueiro para trabalhar como seu assistente em Filosofia da Educação Brasileira, participando da elaboração de um projeto de pesquisa sobre essa disciplina, submetido à avaliação do INEP, em seu programa de “Estímulos à Pesquisa Educacional”. Antes, havia assessorado o Professor Trigueiro em projeto do INEP de apoio técnico aos Colóquios para a organização dos sistemas estaduais de Ensino, o CEOSE.

Retrocedendo a 1951, quando Getúlio Vargas eleito presidente pelo voto popular, toma posse e nomeia o novo Ministro da Educação, o jornalista baiano Simões Filho, e convida Anísio Teixeira para implantar a CAPES (Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior) seguindo projeto do economista Rômulo Almeida. Com o papel de formar quadros em nível de pós-graduação, mediante bolsas de estudos para graduados, com vistas à realização de cursos de especialização, mestrado e doutorado no exterior. No ano seguinte, com a morte de Murilo Braga, diretor do INEP, em desastre de aviação, o Ministro convoca Anísio para substituí-lo, acumulando com seu trabalho na CAPES. Em abril de 1952, assume a direção do INEP e uma de suas primeiras visitas foi à Escolinha de Arte do Brasil, e conhecer seu fundador Augusto Rodrigues. Total afinidade e logo traçaram uma estratégia de apoio à Escolinha, através de cursos de aperfeiçoamento financiados pelo INEP para professores da rede pública dos Estados.

**Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:**

Como aconteceu sua experiência com a Escolinha de Arte do Brasil?

**Professor Jader de Medeiros Britto:**

Entrei em contato com a experiência da Escolinha de Arte do Brasil, ao sair das aulas na Faculdade de Filosofia, inscrevendo-me no curso de História da Arte, com o Professor Carlos Cavalcante. Então, ao lado das matérias filosóficas como História da Filosofia, Metafísica, Estética e Psicologia, quis conhecer a Filosofia da “educação através da arte”, vivida na práxis da Escolinha de Arte do Brasil (EAB). Recordo que ao visitá-la pela primeira vez quando funcionava nos jardins de uma biblioteca, em sua fase inicial, eu trabalhava no Ministério da Educação, ali perto e queria conhecer aquela experiência. Depois se mudou para um apartamento na Rua México e dali foi para a cobertura de um edifício na rua Marechal Câmara, no centro do Rio. Era um ambiente agradabilíssimo, ajardinado, com auditório e salas para as diversas atividades, inclusive uma cozinha que preparava um almoço caseiro, servido em bancadas amplas aos professores e visitantes como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Aluísio Magalhães, Ferreira Gullar, Nise da Silveira, além de jornalistas, professores e artistas, tornando-se um momento para intercâmbio de ideias e análises sobre a educação brasileira e a realidade nacional.



**Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:**

Na época em que realizei minha graduação na Licenciatura em Educação Artística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, fiz alguns cursos na Escolinha de Arte do Brasil que ficava em frente ao Shopping Rio-Sul.

**Professor Jader de Medeiro Britto:**

De fato, terminando o contrato com o Ministério da Viação e Obras, a EAB teve que se instalar em nova sede: um prédio do Estado do Rio de Janeiro, em Botafogo, frente ao referido Shopping, onde continua até hoje.

Nessa fase, o Prof. Alexandre Palma, teve importante atuação na dinâmica da Escolinha. No livro que organizamos [2], um dos capítulos faz esse registro. Esse livro é, a meu ver, uma contribuição para o renascimento dessa memorável instituição. Com a morte de Augusto Rodrigues em 1983, sua ausência foi muito sentida, pois gozava de merecido prestígio social, a partir de sua comunicabilidade e atuação na imprensa carioca. Prêmio de viagem ao exterior concedido pela Escola Nacional de Belas Artes, era uma pessoa de grande sensibilidade para o diálogo com pessoas de todas as classes sociais. Homem da comunicação, assim o definiu a psicóloga Maria Helena Novaes Mira, Professora do Curso Integrado de Arte na Educação – CIAE. Augusto estava sempre disponível para ouvir o outro, especialmente as crianças com as quais se relacionava no dia-a-dia da Escolinha. Por ocasião de seu centenário, programou-se uma edição comemorativa do Jornal *Arte&Educação*, estruturado em três dimensões de seu perfil: o homem, o artista e o educador, com vários depoimentos de quantos tiveram o privilégio de sua convivência.

**Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:**

O senhor poderia falar mais sobre os encontros promovidos pela Escolinha de Arte do Brasil e que de algum modo teriam influído na publicação e veiculação do Jornal *Arte&Educação*?

**Professor Jader de Medeiros Britto:**

Ao chegar ao INEP, Anísio Teixeira logo estabelece essa relação íntima com a Escolinha, participando dos almoços. Ferreira Gullar era outro com presença frequente; assim como o poeta Drummond que sempre ajudava a EAB com suas crônicas em momentos de crise financeira. Bastava uma palavra de Augusto: “Poeta, nos ajuda!”. E Drummond escrevia uma crônica advertindo: “A escolinha precisa sobreviver”. Enfim, a EAB contou com apoio de personalidades das mais expressivas do meio cultural do Rio de Janeiro, como a psiquiatra Nise da Silveira, que fez palestras para o CIAE relatando sua experiência de terapia através da Arte com pacientes do Hospital D. Pedro II do Engenho de Dentro, para doentes mentais. Aluísio Magalhães, nosso designer maior, era outro convidado por Noêmia Varela, competente diretora técnica da Escolinha e coordenadora do CIAE que convocava professores do nível da psicóloga Monique Augras ou do paisagista Burle Marx, para fazerem palestras nesse curso.

Durante o almoço não faltavam sugestões para que o jornal, sob a editoria de Augusto, refletisse as diversidades da vida carioca. E surgiam sugestões como a presença de artistas populares na vida da EAB que logo se concretizavam. Ou a realização de seminários sobre a obra de Herbert Read, Educação através da Arte, ou sobre as tendências da criação artística na contemporaneidade.

[2] BRITTO, Jader de Medeiros; PALMA, Alexandre (orgs.).  
ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL: legado e memória. Rio de Janeiro:  
Editora da UFRJ, 2019.

**Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:**

Nessa época, o senhor tornou-se o editor da RBEP?

**Professor Jader de Medeiros Britto:**

Com o afastamento do Prof. Milton de Andrade Silva e do Prof. Roberto Leobons, tornei-me o servidor com maior experiência na preparação dos números da Revista. O Prof. Anísio trouxe o jornalista Paulo Alberto Monteiro de Barros que fora editor do jornal O Metropolitano, órgão da União Nacional dos Estudantes, para dirigi-la. E nos entendemos muito bem. Mas pouco depois ele se candidatou a deputado estadual, assim, dei continuidade aos trabalhos na revista. O Paulo Alberto confiava em mim e me deixava livre para tomar todas as providências.

**Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:**

Mesmo sendo editor na prática, o senhor tinha toda a liberdade?

**Professor Jader de Medeiros Britto:**

Exatamente. Mas, o mestre Anísio desconfiava, com toda razão, em virtude de minha participação na Ação Católica e a frequência regular ao Mosteiro de São Bento, enquanto ele era combatido pela Igreja Católica, especialmente por bispos do Rio Grande do Sul que exigiam do Presidente Juscelino Kubitschek sua demissão do INEP com base na defesa que ele fazia da escola pública, gratuita e obrigatório para todos, na campanha que liderou ao longo da tramitação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Parlamento. Afinal, acontece o golpe militar de 1964, Anísio Teixeira é afastado do INEP, assumindo o Prof. Carlos Pasquale oriundo do ensino privado, mas reconhecendo o mérito das propostas do nosso filósofo da Educação. Entreguei-lhe o cargo de editor para o qual não fora indicado, sendo nomeado editor da revista. Identificado com o pensamento do Mestre Anísio, incluía nos números seguintes textos de sua autoria, sempre aprovados pelo Conselho Editorial que examinava a programação trimestral.

Em 1967, recebi pela manhã um telefonema do Prof. Anísio Teixeira, convidando-me para ser seu assistente de pesquisa em *survey* solicitado pelo Banco Interamericano do Desenvolvimento (BIRD) sobre as Universidades Brasileiras, 43 ao todo. Um questionário completo, abrangendo todos os aspectos da vida universitária: história, cursos, matrícula, organização do ensino, produção acadêmica, extensão universitária, conclusões. Trabalhamos até 1968. Na ocasião o Prof. Anísio prestou notável depoimento à Comissão da Câmara dos Deputados para estudar a Reforma Universitária no País, acolhendo sugestões para um projeto de lei que seria submetido ao plenário. Publicado no Diário Oficial da Câmara, o depoimento serviu de base para o relatório final do *survey*. Como Editor da Revista, pedi-lhe autorização para publicá-lo no n. 111, trimestre Julho/Setembro de 1968, sendo atendido.

Mais tarde, em 1970, ao programarmos o número inaugural do jornal *Arte&Educação*, pedi-lhe um artigo sobre a experiência da Escolinha de Arte do Brasil. Uma semana depois me entregou o texto "As Escolinhas de Arte de Augusto Rodrigues", da qual foi um dos mais iluminados colaboradores.

**Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira:**

Então, para finalizarmos esse encontro, seria possível o senhor comentar sobre esse texto de Anísio Teixeira sobre "As Escolinhas de Arte de Augusto Rodrigues"?

**Professor Jader de Medeiros Britto:**

Distingo neste artigo duas características da reflexão de Anísio Teixeira: a do historiador, sempre situando as questões em seu contexto histórico e a do filósofo da educação, insaciável na busca de caminhos ideais para o desenvolvimento do processo educativo. Por sua práxis, aliava a percepção teórica de fins e valores à construção de propostas educacionais, com vistas à formação de quadros profissionais competentes para atender às necessidades da sociedade brasileira. Propostas que se estendem da educação básica à pós-graduação.

Quanto à Educação Básica, o destaque é para o Centro Educacional Carneiro Ribeiro de Salvador, com um dia inteiro de atividades para 4.000 crianças, incluindo a iniciação ao trabalho e a expressão artística, aplicando aquele ensinamento de Platão, de que a atividade artística deve estar presente nas bases da educação.

Ao assumir a direção do INEP, não lhe faltava sensibilidade, ao conhecer a experiência da Escolinha de Arte do Brasil, para prestigiá-la com sua presença frequente e apoiá-la, trazendo-a para o âmbito nacional, mediante convênios do INEP com a EAB para complementar e atualizar a formação de professores primários dos Estados, propiciando às crianças do Brasil um ambiente de alegria e graça que a atividade artística oferece.

Vale recordar que, antes deste artigo, Anísio publicou um outro na revista carioca SENHOR, nº 1, em Janeiro de 1959, intitulado "*Deitado em Berço Esplêndido*", em que aponta três instituições brasileiras que, por sua criatividade, eram exemplos capazes de acordar as novas gerações para seu papel na sociedade de amanhã: a *Escolinha de Arte do Brasil*, o *Instituto Tecnológico de Aeronáutica de São José dos Campos* e a *Escola Doméstica de Natal*.

Havendo visitado o sistema escolar de vários países ocidentais, inclusive o dos Estados Unidos, que conheceu por mais tempo, por cursar o Mestrado em Educação na Universidade de Colúmbia, em Nova York, sendo discípulo do filósofo educador John Dewey, familiarizou-se com o Pragmatismo, de William James, construiu um exame crítico, objetivo, capaz de avaliar os diversos sistemas educacionais.

Na práxis da Escolinha de Arte do Brasil, logo distingue a presença de sua matriz teórica: *A Educação Através da Arte* de Herbert Read, educador inglês também adepto das ideias de Platão para a formação humana.

É essa experiência, plantada por Augusto Rodrigues e sua equipe de educadores e artistas, em que a Prof<sup>a</sup> Noêmia Varela, como diretora técnica, e o artista plástico Oswaldo Goeldi – que instalou a oficina de gravura em metal e xilogravura, doando, além do ensinamento, a própria impressora – ajudaram a construir, que o mestre Anísio exalta nesse artigo, apostando na utopia de uma educação para todos, sem discriminações, capaz de habilitar o educando de hoje a edificar o ideal humano da sociedade em vir-a-ser, no mundo de amanhã.



**Figura 2:** Foto do Professor Jader de Medeiros Britto, em sua residência em Copacabana, Rio de Janeiro, no momento da entrevista. Janeiro de 2021.

**Fonte:** Arquivo Luiz Carlos Pinheiro Ferreira.